

CINEMA, MIGRAÇÕES E DIVERSIDADE CULTURAL: NOTA INTRODUTÓRIA

CINEMA, MIGRATION AND CULTURAL DIVERSITY: INTRODUCTORY NOTE

Rosa Cabecinhas, Isabel Macedo & Renné França

A intensificação dos fluxos migratórios e a crescente interconectividade “global” têm tornado evidente que um maior nível de contacto entre pessoas de diferentes culturas não se traduz automaticamente num maior interconhecimento e diálogo intercultural. Pelo contrário, recentemente a explosão dos discursos de ódio nas redes sociais e a divulgação de *fake news* (incluindo *fake* vídeos) através das redes sociais digitais (sonhadas como uma promessa de maior interação entre pessoas, transcendendo as tradicionais fronteiras físicas), tornaram evidente que a maior “mistura” no mundo não significa necessariamente maior respeito pela diversidade. De facto, esta “nova” realidade é surpreendentemente “velha”: no mundo em que vivemos a transformação social e tecnológica tem sido acompanhada pela manutenção, e mesmo agudização, de velhas hierarquias, binarismos e hiatos, que continuam a moldar as nossas vidas de forma muito poderosa (Cabecinhas & Cunha, 2017; Macedo, Cabecinhas & Abadia, 2013), tornando esta área de investigação, e de intervenção, extremamente desafiante.

A economia global digital em que vivemos tem sido acompanhada por uma concentração cada vez maior de recursos (económicos e simbólicos) em cada vez menos pessoas e na maior extremização das diferenças sociais. Na Europa, por exemplo, se por um lado se tem investido em políticas públicas para promover a diversidade cultural através dos média (Macedo, 2017), por outro lado, a crescente concentração mediática (Sousa & Costa e Silva, 2009) tem remetido a diversidade para as margens da visibilidade mediática (Bailey, Georgiou & Harindranath, 2007). Isto é, a crescente presença de profissionais imigrantes ou filhos de imigrantes, não se traduziu ainda numa mudança estrutural da cultura organizacional das grandes empresas mediáticas. De facto, uma verdadeira mudança da cultura mediática, que vá para além da exibição ritual da “diversidade visível”, é extremamente difícil pois implica uma verdadeira transformação social a todos os níveis, uma vez que os média não existem num vazio social.

Nos últimos anos, as representações de experiências migrantes e das relações interculturais têm assumido uma posição de maior destaque nas narrativas cinematográficas (Berghahn & Sternberg, 2010; Ezara & Rowden, 2006). Observa-se um forte incentivo a obras audiovisuais que promovam a diversidade cultural, no entanto, persistem estereótipos nas imagens veiculadas pelos produtos fílmicos sobre as populações migrantes (Smiers, 2006). Ainda assim, enquanto espaço de (re)construção de representações sociais, o cinema pode constituir um lugar a partir do qual se pode relacionar o passado e o presente das relações interculturais, se pode promover o conhecimento

mútuo e refletir sobre as expressões de racismo na atualidade, considerando os diversos contextos de produção de sentido – social, política, histórica e economicamente construídos. Este número da *Revista Lusófona de Estudos Culturais* procura precisamente constituir-se como um lugar de reflexão crítica, englobando olhares contra-hegemônicos, sobre processos migratórios, conflitos intergrupais e identidades sociais. O cinema aqui discutido tem como objetivo envolver os leitores no questionamento dos legados e das dinâmicas coloniais no presente.

A partir da temática “Cinema, migrações e diversidade cultural”, esta edição apresenta um conjunto de artigos que, apesar das diferentes correntes teóricas e obras audiovisuais estudadas, abordam as dinâmicas transculturais e a revitalização da narrativa – ficcional e/ou documental – a partir do tensionamento de significados tidos como fixos e estáveis até há pouco tempo atrás. Novos sentidos irrompem nas obras que são, em tema e forma, objetos simbólicos interculturais que em sua natureza contestam e desconstróem discursos hegemônicos e identidades tidas como fechadas, ao mesmo tempo que debatem e ressignificam alteridades e paradigmas estéticos.

Este número é composto por oito artigos temáticos, dois artigos na secção “Varia” e duas resenhas de filmes. Os textos abordam diferentes contextos socioculturais e geográficos, apresentando reflexões sobre a comunicação intercultural a partir de vários prismas. Em alguns dos textos os autores destacam o importante papel das narrativas fílmicas (e literárias) na educação para a cidadania, em diferentes níveis de ensino, e discutem a necessidade de uma abordagem inter e transdisciplinar.

“Visões da América Latina em *Cabezas cortadas*, de Glauber Rocha”, abre a edição com a análise de Estêvão Garcia do filme de 1970 do reconhecido realizador brasileiro, apoiando-se na perspectiva do embate cultural para investigar o passado colonial latino-americano atentando-se para a operação surrealística da obra. Observando como o percurso migratório de Rocha se reflete na sua obra de forma a rearticular conceitos e símbolos numa narrativa audiovisual que discute não apenas os governos autoritários da época, mas também a própria forma fílmica, o autor parte de uma apreciação do diálogo intercultural entre a América Latina e Espanha para discutir e interpretar cenas do filme que debatem o passado colonial ao explorar a visualidade, a sonoridade e determinados símbolos hispânicos e hispano-americanos em representações alegóricas e simbólicas sobre a “conquista” da América.

As relações de espaço e memória enquanto articuladores simbólicos tem continuidade, em uma perspectiva diferente, na escrita de Teresa Manjate. “*Entre memórias silenciadas* de Ungulani ba ka Khosa e *Virgem Margarida* de Licínio de Azevedo: espaços e memórias” propõe um estudo de aproximação entre o romance literário e o filme, sobre os processos de “reeducação” governamentais de uma parte marginalizada da sociedade moçambicana pós-independência. A reflexão a partir da topoanálise relaciona estes processos de experiências silenciadas à força de forma a se pensar o espaço enquanto categoria para se analisar estas obras, trazendo múltiplas perspectivas e invocando leituras sociais e ideológicas. Fazendo também referência ao documentário *A última prostituta*, do mesmo Licínio de Azevedo, o artigo convoca memórias subalternizadas a

partir das diferentes técnicas simbólicas das narrativas literária e audiovisual para des-
construir o discurso oficial.

A memória desperta a partir da narrativa audiovisual também está presente em “Lusofonia no cinema”, de Benalva Vitorio. Utilizando-se do método autoetnográfico e da análise de discurso, a autora parte das suas próprias memórias como imigrante em Portugal e Moçambique para analisar o filme *Terra estrangeira*, de Walter Salles e Daniela Thomas. Debatendo os conceitos de migração, lusofonia, identidade e alteridade, o artigo fundamenta-se na experiência pessoal para refletir sobre o percurso migratório – envolto em grandes questionamentos atualmente – a partir da obra audiovisual enquanto objeto simbólico que oferece lugar à interpretação, atuando como local de funcionamento da discursividade. Os sujeitos fronteiriços encontram a representação das suas dinâmicas culturais, sentimentais e identitárias nos personagens do filme, que despertam as lembranças de quem já foi imigrante.

Ana Cristina Pereira, Isabel Macedo e Rosa Cabecinhas debatem os efeitos persistentes das “velhas” hierarquias raciais forjadas durante o período colonial na sociedade atual a partir da recente produção cinematográfica portuguesa. Em “Lisboa africana no cinema: conversas em sala de aula sobre *Li ké terra* e *Cavalo Dinheiro*”, as autoras analisam as discussões de diversos grupos focais realizados com jovens estudantes do ensino secundário e do ensino superior. A análise das conversas dos jovens após o visionamento de *Li ké terra* (Filipa Reis, João Miller Guerra & Nuno Baptista, 2010) ou *Cavalo Dinheiro* (Pedro Costa, 2014) permite compreender os processos de construção social das imagens sobre os afrodescendentes em Portugal e o modo como as representações raciais são reificadas no quotidiano. As conversas ilustram como as memórias sobre o período colonial são (re)criadas em contextos pós-coloniais e como essas memórias podem possibilitar a reflexão crítica sobre os conflitos passados e as relações interculturais no presente.

Em “*Chocolat e Vênus negra: corpo, identidade e memória*”, Catarina Andrade, a partir dos filmes de Claire Denis e Abdellatif Kechiche, reflete sobre as representações do corpo feminino e suas potencialidades simbólicas como objeto de desejo e também lugar de resistência e fronteira cultural e étnica. Partindo das protagonistas dos dois filmes e do modo como as suas histórias pessoais são utilizadas para representar histórias coletivas, a autora analisa a forma como os corpos deslocados das suas paisagens de origem atuam na construção da memória cultural e no reforço do imperialismo colonial, compreendidos como vestígio de história e memória. Ao discutir no seu texto a imagem e a sua força de permanência, Andrade aborda as duas obras cinematográficas como espaços de fratura, para que o Outro deixe de ser o estereótipo historicamente construído para assumir nestes filmes uma função questionadora da própria história.

Fernanda Marra também questiona conceitos identitários históricos em “*O animal cordial: uma rasura da razão*”, que debate a noção do brasileiro como “homem cordial” a partir do filme de Gabriela Amaral. A conhecida formulação de Sérgio Buarque de Holanda no livro *Raízes do Brasil*, de 1936, apresentava uma abordagem histórico-social para desvendar as características referentes à hospitalidade e generosidade recorrentemente

apontadas pelos estrangeiros em relação à identidade brasileira. A autora utiliza a obra audiovisual como significante contemporâneo que permite a possibilidade de reescrita deste conceito a partir de uma trama que explora uma noite em um restaurante para dar luz a uma identidade violenta que coloca à prova uma ética brasileira baseada na alegada cordialidade.

Conflito e identidade são temas também presentes em “Um olhar sobre o processo de paz Israel-Palestina e a problemática da terra no documentário *Promises* (2001)”, de autoria de Claudiney Lodos. O filme de Justine Shapiro, B.Z. Goldberg e Carlos Bolado apresenta depoimentos de crianças árabes e judias sobre o conflito político religioso e as fronteiras construídas nesta sociedade, além de propor um diálogo entre os povos. O autor analisa a obra de forma a refletir sobre questões de pertença e posse da terra, expandindo a abordagem fílmica para discutir as dinâmicas identitárias num processo de articulação de um Eu coletivo em relação a um Outro coletivo e as suas graves consequências políticas, sociais e humanitárias.

Fechando os artigos temáticos, Renato Prado apresenta em “Produção e formação audiovisual ‘fora do eixo’ no Brasil: o caso do Instituto Federal de Goiás” um debate sobre a produção audiovisual brasileira fora dos grandes centros de produção a partir dos cursos de formação de uma pequena cidade do interior. A cidade de Goiás, com pouco mais de 20 mil habitantes, abriga um Bacharelado em Cinema e Audiovisual e um curso Técnico em Produção de Áudio e Vídeo, que já deu origem a um considerável número de produções e prêmios. O autor relata como as políticas públicas de descentralização da produção brasileira no século XXI foram importantes para permitir novas formas de resistência ao processo histórico de produções concentradas nas mãos de poucos agentes que favoreciam discursos hegemônicos. Além disso, discute as relações entre audiovisual e educação num momento de viragem tecnológica e maior facilidade de acesso aos meios de produção.

A secção “Varia” traz a discussão de duas obras literárias de autores moçambicanos. “*O regresso do morto: regresso à desgraça de Suleiman Cassamo*”, de Martins Mapera, aborda a complexa e diversa realidade sociocultural moçambicana a partir do livro *O regresso do morto*, trazendo uma abordagem sociocultural para o tormento das incertezas nos personagens que povoam os contos da obra. Em “Centros de reeducação em Moçambique (1975-1985): memórias, silêncios e discursos jornalísticos”, Orquídea Ribeiro e Daniela da Fonseca analisam, tal como o título sugere, as memórias silenciadas sobre os centros de reeducação nos primeiros anos de Moçambique independente. Em um estudo comparativo da obra ficcional com as notícias publicadas pelos jornais moçambicanos e internacionais sobre o ocorrido na época, as autoras discutem como a ficção é usada para recuperar as memórias silenciadas sobre os centros de reeducação, locais de violência e apagamento da pessoa.

Finalizando esta edição, duas resenhas de filmes que abordam representações do quotidiano e as suas dinâmicas culturais de formas e temáticas distintas. Carla Cerqueira escreve sobre *Matria*, curta-metragem realista dirigida por Alvaro Gago sobre uma mulher que trabalha em uma fábrica de conservas em seu quotidiano de exploração

e vazio. E Giane Lessa apresenta a longa-metragem *Narrador de Javé*, de Eliane Café, que através da comédia representa o aspecto processual, subjetivo e conflituoso na construção da memória coletiva, tornando visíveis as lutas simbólicas entre grupos sociais. Embora muito distintas, ambas as obras abordam, explicita ou implicitamente o apagamento das mulheres na história (Cabecinhas, 2018), quer a chamada “grande história” que marca a vida das comunidades “imaginadas”, quer a história que se desenha no quotidiano.

As diferentes obras fílmicas e literárias abordadas neste número mostram-nos as complexas imbricações entre passado, presente e futuro. Os vários capítulos ajudam-nos a perceber que não é possível compreender as dinâmicas interculturais do presente sem ter em conta o passado e sem auscultar o que significa esse passado para os diversos grupos e pessoas envolvidos. Escutar ativamente as diversas “vozes” e dar a conhecer os diferentes olhares sobre a realidade constitui um enorme desafio para todos os profissionais no mundo dos média, das artes e da educação (Cabecinhas & Cunha, 2017; Lopes, 2018; Macedo, 2016; Naficy, 2012).

Como referimos inicialmente, os “velhos” binarismos enraizados no passado histórico continuam a marcar o nosso quotidiano e o cinema, tal como outras artes, constitui uma arena privilegiada para a contestação de velhas hierarquias excludentes e para a promoção da diversidade (Naficy, 1993). As abordagens multi, inter e transdisciplinares são fundamentais para dar conta da complexidade social assim como o diálogo entre a academia e a sociedade. Este número da *Revista Lusófona de Estudos Culturais* ilustra os frutos de alguns dos diálogos já iniciados e esperamos que possa contribuir para fomentar a escuta ativa e o empenho quotidiano tão necessários para promover uma verdadeira mudança social.

REFERÊNCIAS

- Bailey, O., Georgiou, M. & Harindranath, R. (Eds.) (2007). *Transnational lives and the media. Re-imagining diasporas*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- Berghahn, D. & Sternberg, C. (Eds.) (2010). *European Cinema in Motion. Migrant and Diasporic Film in Contemporary Europe*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- Cabecinhas, R. (2018). Quem quer ser apagada? Memória coletiva e assimetria simbólica. In J. M. Oliveira & C. Nogueira (Eds.), *Lígia Amâncio: o género como ação sobre o mundo* (pp. 113-132). CIS-IUL: Lisboa. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/58927>
- Cabecinhas, R., & Cunha, L. (2017). Introdução: da importância do diálogo ao desafio da interculturalidade. In R. Cabecinhas & L. Cunha (Eds.), *Comunicação intercultural: perspectivas, dilemas e desafios* (pp.7-12). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.
- Ezra, E. & Rowden, T. (2006). *Transnational cinema: the film reader*. Nova Iorque: Routledge.
- Lopes, A. J. (2018). Globalização, diversidade cultural e lusofonias: circulação trans-espacial da fala portuguesa e sua relação com outras falas. *Comunicação e Sociedade*, 34, 23-40. [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.34\(2018\).2933](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.34(2018).2933)

- Macedo, I. (2016). Os jovens e o cinema português: a (des)colonização do imaginário? *Comunicação e Sociedade*, 29, 291-309. [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.29\(2016\).2420](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.29(2016).2420)
- Macedo, I. (2017). *Migrações, memória cultural e representações identitárias. A literacia fílmica na promoção do diálogo intercultural*. Tese de Doutoramento em Estudos Culturais, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/48712>
- Macedo, I., Cabecinhas, R. & Abadia, L. (2013) Audiovisual post-colonial narratives: dealing with the past in *Dundo, colonial memory*. In R. Cabecinhas & L. Abadia (Eds.), *Narratives and social memory: theoretical and methodological approaches* (pp. 159-174). Braga: CECS. Retirado de http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/1518
- Naficy, H. (1993). *The making of exile cultures*. Minneapolis: University of Minnesota.
- Naficy, H. (2012). Teaching accented films as a global cinema. In L. Fischer & P. Pedro (Eds.), *Teaching film* (pp. 112-118). Nova Iorque: The Modern Language Association of America.
- Smiers, J. (2006). *Artes sob pressão: promovendo a diversidade cultural na era da globalização*. São Paulo: Escrituras.
- Sousa, H. & Costa e Silva, E. (2009). Keeping up appearances. Regulating media diversity in Portugal. *International Communication Gazette*, 71(1-2), 89-100. <https://doi.org/10.1177/1748048508097933>

NOTAS BIOGRÁFICAS

Rosa Cabecinhas é professora no Departamento de Ciências da Comunicação, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Atualmente é diretora do Programa Doutoral em Estudos Culturais na mesma universidade. É autora de vasta obra científica na área da comunicação intercultural.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1491-3420>

Email: cabecinhas@ics.uminho.pt

Morada: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal

Isabel Macedo é doutorada em Estudos Culturais pela Universidade do Minho e Universidade de Aveiro, na área da Comunicação e Cultura. A sua tese de doutoramento intitula-se *Migrações, memória cultural e representações identitárias: a literacia fílmica na promoção do diálogo intercultural*. É investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade e integra várias associações nacionais e internacionais na área da comunicação, da educação e da cultura visual. Co-editou a revista *Comunicação e Sociedade*, dedicada ao tema “Ciências da Comunicação e Estudos Lusófonos”, e a *vista - Revista de Cultura Visual*, intitulada “Memória cultural, imagem, arquivo”. Alguns dos seus principais trabalhos são: “Representations of dictatorship in Portuguese cinema” (2017), em co-autoria; “Interwoven migration narratives: identity and social representations in the Lusophone world” (2016), em co-autoria, e “Os jovens e o cinema português: a (des) colonização do imaginário?” (2016).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4107-3997>

Email: isabel.macedo@ics.uminho.pt

Morada: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal

Renné França é Professor do Bacharelado em Cinema e Audiovisual do Instituto Federal de Goiás, pós-doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais, jornalista e crítico de cinema. Diretor do longa-metragem *Terra e Luz*.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6388-0805>

Email: renne.franca@ifg.edu.br

Morada: Departamento de Áreas Acadêmicas. Bacharelado em Cinema e Audiovisual do Instituto Federal de Goiás. Campus Cidade de Goiás. Rua 02, Qd. 10, Lts. 1 a 15, Residencial Bauman. Cep: 76600-000. Cidade de Goiás – Goiás